

PORNOEROTISMO E ADVINHAS

A onda de erotismo, apontada pelos moralistas do mundo contemporâneo como um fenômeno social próprio da época em que vivemos, constituiu uma das tônicas do comportamento humano desde os tempos imemoriais. Erotismo, sensualismo, pornoerotismo, luxúria, nunca deixaram de existir nas paredes das cavernas trogloditas, nas páginas da História Sagrada, nos mandamentos da lei de Deus, nas estátuas da Capela Cistina, na destruição de Sodoma e Gomorra pela ira do Senhor, devido à devassidão que campeava entre seus habitantes. A História, por sua vez, registra grandes bacanais envolvendo imperadores, mulheres sem roupa e muito vinho. Os poderosos, ainda hoje, em algumas partes do mundo, mantêm serralhos de muitas mulheres sob a guarda de ferozes eunuocos fiéis a seus senhores. As mulheres - consideradas apenas como simples instrumentos de prazer, escravas sem direito nenhum - eram compradas, dadas de presente, trocadas, como se fossem animais irracionais em feiras públicas. O mundo, até os começos do século passado, era quase somente luxúria. Mas essa luxúria, esse erotismo, esse sensualismo, esse pornoerotismo não diziam respeito somente às mulheres dos tempos antigos. Entre os homens de Roma, dedicados ao aprimoramento físico do corpo, muitos engrossavam as fileiras do homossexualismo a tal ponto que um dos imperadores instalou bordéis, onde eram encontradas lindas mulheres importadas, com a finalidade de transformar os jovens em homens propriamente ditos.

Será que, durante os dezoito séculos da era cristã, os homens e mulheres, sem as distrações do mundo de hoje, enchiam seu lazer somente com os prazeres da carne?

No começo deste século, não apenas nas cidades do interior como também nos grandes centros, antes do advento da vitrola, do rádio e da televisão que além de proporcionarem distração e educação ao povo isolaram os membros da família, dissociando-os, as famílias punham as cadeiras na calçada, o que fazia com que todos participassem de uma vida social bastante intensa. Os homens conversavam sobre política, sobre o inverno, sobre a safra e sobre a crise que hoje se chama inflação. As mulheres, por sua vez, trocavam receitas de tricô e crochê, de bolos e doces, de remédios populares, comentando os principais acontecimentos da cidade que iam desde a festa da padroeira da cidade ou do bairro até o namoro escandaloso e moderno da diretora do grupo escolar com o promotor público recém-chegado da capital. Os meninos, sem as ruas cheias de carros como acontece hoje, brincavam de *chicote-queimado*, de *boca-de-forno*, ou escutavam, de velhas cozinheiras africanas, estórias povoadas de dragões enormes e ferozes, de príncipes encantados e lindas princesas que acabavam sempre casando, tendo muitos filhos, vivendo felizes durante muitos e muitos anos, depois da morte do dragão que cuspiu fogo pelas ventas. As meninas que já estavam enjoando das bonecas e os meninos metidos a rapazes, fumando às escondidas, brincavam de *anel*, passando, com certo erotismo, as mãos pelas mãos das mocinhas de tranças deixando sempre o anel com sua preferida, entre suspiros e ais. Brincavam, também, com os adultos mais libertinos, de adivinhações de duplo sentido, ditas com certo receio e ouvidas entre risos encobertos pela deficiente iluminação pública.

Tais adivinhações foram recolhidas por folcloristas e constam, na sua maioria, de livros e trabalhos publicados faz algum tempo.

Em seu *Enigmas Populares*, José Maria Melo (1) registra algumas dessas adivinhações ou adivinhas de duplo sentido:

1. "Qual é o lugar onde a mulher tem o cabelo mais pixaim
Resposta: Na África.
2. "O que é, o que é: Entra e sai no cu do teu pai?"
Resposta: A ceroula.
3. "Menina, levanta a saia
Que eu já vou com o pito duro
No entrar, é de doer
No sair, é de ficar".
Resposta: O irrigador.

O cearense Leonardo Mota, no livro *Cantadores* (2), também teve a oportunidade de recolher algumas adivinhações consideradas pornoeróticas:

1. "Qual é o bicho que tem os beijos fora da boca?"
Resposta: O forno.
2. "A carne da mulher é dura
Mais dura é quem a furou;
Meteu o duro no mole
E o duro dependurou".
Resposta: Os brincos.

Fausto Teixeira foi outro folclorista que se preocupou com as adivinhas, consideradas na época, isto é, no século passado, como a palavra-cruzada de nossos dias. No seu *O Livro das Adivinhas*, Fausto Teixeira (3) inseriu, também, algumas adivinhações dessa natureza:

1. "O que é, o que é: Entra
duro e seco e sai mole, pingando?"
Resposta: Macarrão.
2. "Quando eu pedi, quis;
Quando botei, gostou;
Quando tirei, chorou".
Resposta: A aliança, no pedido de casamento, no dia do noivado e no dia do rompimento.
3. "O que é que um homem deve fazer na
primeira noite que dorme com uma mulher?"
Resposta: Mamar. A primeira mulher com quem o homem dorme na sua vida é a própria mãe
4. "O que é que os homens têm no meio das pernas?"
Resposta: O joelho.
5. "O que é que a gente lambe, lambe, torce, torce
e no buraco mete?"
Resposta: A linha na agulha.

Outro folclorista, do Sul, Alceu Maynard Araújo (4) escreveu *Considerações sobre a literatura oral em duas comunidades brasileiras*, excelente trabalho onde vamos encontrar as seguintes adivinhas

de fundo pornoerótico:

1. "O que é que o homem para todo lugar que olha, vê, e a mulher, para poder ver, precisa levantar a saia?"
Resposta: A calça.
2. "O que é que a moça tem estreita quando solteira, e, larga, depois que se casa?"
Resposta: A cama.
3. "O que é que a mulher bota entre as pernas e faz lico-lico, lico-lico, e tira e mete no buraco?"
Resposta: A almofada com os bilros.
4. "O que é que a moça tem em baixo, o homem não tem e a mulher já teve quando era moça?"
Resposta: O cedilha.
5. "O que é que tem um palmo de comprimento, liso num pedaço e cabeludo noutro; quem tem, serve-se dele e, quem não, tem serve-se com o dedo?"
Resposta: A escova de dentes.

O escritor Veríssimo de Meio (5) no seu interessante estudo *Adivinhas*, recolheu e registrou algumas dessas adivinhações:

1. "O que é, o que é:
Luis tem na frente,
Miguel tem atrás:
As solteiras têm no meio,
As casadas não têm mais?"
Resposta: A letra L.
2. "Preto por fora,
Branco por dentro
Ergo-lhe a perna
E soco-lhe dentro".
Resposta: Botina.

Recolhi estas outras adivinhações na Zona da Mata de Pernambuco, quase certo de que as mesmas sejam comuns aos demais Estados do Nordeste e talvez até mesmo aos Estados do Centro e do Sul do país por força da mobilidade dos habitantes desta região que, fugindo das estiagens prolongadas, procuram sobreviver nos grandes centros onde o mercado de trabalho é mais amplo, mesmo para os que não sejam mão de obra especializada. Vejamos, pois, as adivinhações:

1. "O que é, o que é? A mulher tem na frente e o homem tem atrás.

- Resposta: A letra M.
2. "O que é, o que é? Encostar bucho com bucho e botar um pedaço dentro".
Resposta: Diz-se de quem está tirando água de uma jarra ou *forma*.
3. "O que é, o que é? Por fora é escuro e quando arreganha é vermelho" .
Resposta: A melancia.
4. "Qual é o lugar da mulher que cheira bacalhau ?"
Resposta: O nariz.
5. "O que é, o que é: Quando o homem conduz vai gritando mas quando a mulher conduz é calado".
Resposta: Boi (animal) e boi (menstruação).
6. "O que é, o que é? A mulher do fazendeiro tem, o fazendeiro tem, a mulher do vaqueiro tem, mas o vaqueiro não tem".
Resposta: Boi: animal e menstruação.
7. "Quando eu meti, fui gostando; quando gostei, disse:
- Bole! Quando entrou, entrou duro; e quando saiu, saiu mole.
Resposta: Cana de açúcar nas moendas.
8. "O que é que começa por B, termina por A, tem C e E no meio e as mulheres usam entre as pernas? .
Resposta: bicicleta.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MELO, José Maria. *Enigmas Populares*. Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1950.
2. MOTTA, Leonardo. *Cantadores* Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1961.
3. TEIXEIRA, Fausto, *O Livro das Adivinhas Brasileiras*. Rio de Janeiro. Editora Letras e Artes, 1964.
4. ARAÚJO, Alceu Maynard. *Considerações sobre a literatura oral em duas comunidades brasileiras. Sociologia*, São Paulo, XIX (4).
5. MELO, Veríssimo de *Adivinhas*. Natal, 1948.

Fonte: MAIOR, Mário Solto. *Folcloreotismo*. Recife: Edições Pirata, 1980. 45 p.